

SEXUALIDADE FEMININA: FANTASIAS E EROTISMO

Tradução Dagcamargo

Os que odeiam o sexo são muito habilidosos vendendo culpabilidade. Porém, se podem condenar-nos por nossas fantasias, também podem encarcerar-nos pelos atos que cometemos em sonhos."

NANCY FRIDAY

Há algo singularmente satisfatório no corpo de uma mulher que não pode ter o de um homem. Por mais excitante sexualmente e elegante que possa ser o corpo de um homem, carece dos atributos físicos de nossa primeira fonte de amor: A MÃE. Não são só os seios. É a textura da pele, o odor, toda a aura misteriosa deste primeiro corpo do qual *nascemos*, que nos alimenta, nos acalenta e nos envolve com sua força. Nós amamos sua força, porque este poder nos pode ser oferecido ou retirado em qualquer momento. Como podemos nós, duvidar desta relação?

Não podemos esquecer. Em nossas recordações a adoramos e segue sendo muito importante para nosso bem estar. Ansiamos sermos amados, nutridos e adorados.

É um laço tão primitivo e obviamente associado com a infância que muitos de nós reprimimos por um sentido de vergonha, por que pensamos que são necessidades de um bebê. Ao que alguns tipos durões negam e respondem quando reclinam a cabeça contra os seios de uma mulher, lhe chupam os peitos ou exploram essa zona misteriosa entre suas pernas. Os homens sempre puderam rever aquela tenra satisfação mãe-filho cada vez que se encostam a uma mulher.

Não necessitam saber que o que desejam é os seios de sua mãe; não necessitam por um nome em sua frustração, porque está satisfeita - sem culpa, sem vergonha, facilmente sem ter que pedir esta satisfação cada vez que tomam uma mulher em seus braços.

O caminho do desenvolvimento psicosexual de um homem é mais direto que o de uma mulher. Para ambos os sexos o primeiro amor é o mesmo, porém os homens seguem amando o sexo de sua mãe - AS MULHERES - toda sua vida. Uma mulher deve atravessar essa linha. A nova atração pelo homem significa uma ruptura com o passado, uma perda de contato com essas lembranças cálidas e revitalizantes satisfações. E no fundo do inconsciente de todos está a recordação do paraíso: O Corpo e o Seio de sua Mãe.

Seja qual for o prazer sexual que possa encontrar uma mulher em um homem, não pode chegar com ele a essa primitiva condição física. Dizem que os homens não são bastante ternos ao fazer amor, porém nem o mais terno dos homens pode oferecer a satisfação única que oferece o corpo de uma mulher. E tampouco se deveria esperar isso dele. Quando as mulheres tentam converter a intimidade homem-mulher em uma relação mãe-filho, estão condenadas à decepção.

Estou tão acostumada à imagem das mulheres abraçando-se que até que comecei minha investigação havia estado cega ao que existe abaixo da superfície, ao fervilhante intercâmbio de desejos e necessidades que muitas mulheres de hoje sentem que só podem se realizar com outra mulher. É algo que vai mais além da homossexualidade. À mulher lhe fala o homem, lhe fala a sociedade, lhe fala a si mesma ao haver criado novos papéis nos quais não se sentem tão femininas como se sentia sua mãe em seu papel. Se sente fria, incapaz de dar o tradicional calor e incapaz também de encontrar com os homens a ternura e o amor que sempre desejou.

Durante os anos em que as mulheres me escreveram e falaram comigo, se publicou uma série de livros que insistiam na crítica aos homens que não dão às mulheres o que elas necessitam: Não há homens bons (No Good Men) ; Homens que não podem amar (Men Who Can't Love); Os homens que odeiam as mulheres, e as mulheres que os amam (Men Who Hate Women Who Love Them); As mulheres que amam os homens, As mulheres que abandonam os homens (Women Men Love, Women Men Leave), só para citar alguns. Desde os anos setenta, as revistas de mulheres junto com o mundo editorial, têm atacado os homens ferozmente por suas insuficiências.

Frente a este desencanto causado pelos homens, está a irmandade feminina, gente que compreende as necessidades de uma mulher em uma época em que a vida das mulheres está mudando como em nenhum outro momento. Os manifestos de grupos femininos são como menús gigantes que oferecem tudo aquilo que

muitas sonham por toda a sua vida. Aqui está, dizem o menú, e está bem; de hecho é bom para ti. Sim, respondem estas mulheres, está aqui e eu nem sequer sabia o que desejava ou se estava bem senti-lo. A referência do menú é intencional: há mais gratificação oral nas fantasias femininas desta época que as que se insinuavam sequer no Meu Jardim Secreto. Incluindo as fantasias masculinas, com os altos coros em alabanza pelo orgasmo oral, empalidecem em comparação com estas novas mulheres. "Mais ternura, mais pele suave, mais abraços, mais seios, por favor."

Estas mulheres expõem suas exigências, e quanto ao sexo oral, bom, é evidente que se requer outra mulher para fazê-lo bem.

Se as mulheres estão cansadas de esperar dos homens, mais cansadas estão de esperar a satisfação sexual. O que mais tem cansado as mulheres é ter de fingir.

O debate sobre o orgasmo clitoriano cntra o vaginal segue vigente. Apesar de tudo que se haja feito em prol da sexualidade humana, todo este discurso conseguiu algo monumental. Conseguiu convencer as mulheres de que o orgasmo existe e, de que outras mulheres o têm, não só sem culpas, senão como um dever; outras mulheres têm uma vida sexual tão plena que inclusive discutem que tipo de orgasmo preferem. Disto surge uma mensagem final: O orgasmo clitoriano está garantido, desde que feito com alguém que saiba fazê-lo bem.

A maioria dos homens não sabe onde está o clitóris de uma mulher.

. Não é surpreendente, se pararmos para pensar que a maioria das mulheres também não sabem.

. Todas sabemos a localização em geral, por suposição, porém cada mulher é ligeiramente distinta. Uma mulher pode perder a esperança na habilidade de um homem para localizar seu botão mágico, porém, creio que outra mulher deve saber onde está. Outra mulher não tem que saber sempre tudo. Quando uma mulher abandona o sonho de que um cavaleiro andante encontre o seu Graal, tem a fantasia de que outra mulher poderá fazê-lo. Porém estou me adiantando. O primeiro é o primeiro: todas as fantasias ccom outra mulher começam e terminam com ternura.

. Quando as mulheres estão com mulheres à relação sexual não é rude. Por mais agressiva que possa tornar-se depois, começa com uma lenta sedução.

Recordo as relações não consumadas nas cálidas noites de minha adolescência: horas e horas de abraços e beijos, as janelas do carro cobertas de orvalho, a romântica música do rádio elevando-se ao moço e a mim a uma desconsoladora unidade.

Éramos as moças que se chamavam apaixonadas. Sempre pensando que aquelas extraordinárias noites de paixão nos carros não eram de todo prazenteiras para eles. Encontrávamos em seus braços um virginal êxtase orgásmico que sabíamos havíamos estado esperando desde que abandonamos os braços de nossas mães, baseado em parte no contato físico sexual, porém que tem muito mais a ver com a recreação emocional da unidade simbiótica, já perdida de si mesma no outro. As mulheres nunca chegam a superar este desejo de unidade romântica, que a muitos homens lhes dá medo e a outros aborrece.

NOVAS RAÇAS DE MULHERES

Hoje, o clima sexual é sombrio. Estão desaparecendo os enérgicos debates e escritos sobre o sexo como parte de nossa humanidade. Os estragos da aids, as informações do campo de batalha do aborto e o alarmante incremento de embarços (?) nos desejos fazem do sexo algo mais perigoso do que prazenteiro.

Há vinte anos, os jovens com sua atitude direta e clara, fizeram do sexo um tema candente; mais tarde lhes chegou o momento de dedicarem-se a assuntos mais "sérios" e arrinconaram a revolução sexual. No gesto indecoroso de seus lábios está implícito que o superaram há vinte anos. Como bons meninos calvinistas, a classe dirigente se castiga agora a si mesma por seus anteriores e desagradáveis excessos, e virtuosamente volta a espada para o sexo. Posto que seguem sendo a maioria que crê nas regras e escreve os titulares, assumem que estão falando por todos. Sabem tão pouco das mulheres quanto de meus livros.

Estas mulheres, em sua maioria, estão entre os vinte e os trinta anos, e a geração que seguiu a revolução sexual e ao impulso inicial do movimento da mulher. Seus testemunhos parecem pertencer a uma nova raça de mulheres, comparados com os que aparecem em Meu Jardim Secreto (My Secret Garden). Todas leram

este primeiro livro, que lhes tornou corajosas e as fez aceitar suas fantasias sexuais como uma extensão natural de suas vidas. E como poderia ser de outra maneira, dado que cresceram neste período tão singular da história da mulher?

Para elas, as emoções explosivas que se liberaram nos anos setenta estão todas vivas.

Hoje, temos uma imaginação coletiva que não poderia ter existido antes de vinte anos, quando as mulheres não tinham vocabulário nem licença para expressarem-se livremente, e não compartilhavam uma identidade que lhes permitia descrever seus sentimentos sexuais. Aqueles primeiros testemunhos foram novas tentativas, e estavam carregados de sentimentos de culpa, não por haver feito algo, senão simplesmente por atrever-se a admiti-lo inadmissível: que eram mulheres que tinham pensamentos eróticos que sexualmente as excitavam.

Mais que qualquer outra emoção, a culpabilidade determinou o hilo daquelas fantasias. Estávamos entre centenas de mulheres que inventavam truques para superar seus medos aos quais o desejo de alcançar o orgasmo convertera-as em "Meninas Más".

O truque mais popular para evitar a culpa e a chamada fantasia de violação, e digo "chamada" porque na fantasia não tinha nenhuma violação, nem dano físico, nem humilhação. Simplesmente tinha de se entender que o que acontecia era contra a vontade da mulher. Dizer que era "violada" era a forma mais expeditiva de deixar de lado o grande "não" ao sexo que estava impresso em sua mente desde a mais tenra infância. (Quero dizer que as mulheres insistiam em que aqueles não eram desejos reprimidos; jamais conheci uma mulher que dissesse que realmente queria ser violada.)

O anonimato também ajudava. Os homens nestas fantasias eram desconhecidos, sem rosto, inventados para impedir de qualquer forma que a mulher se involucrasse se responsabilizasse, enfim, para impedir a possibilidade de uma relação.

Desde cedo, a culpabilidade sexual não desapareceu, nem a fantasia da violação. Porém, a maioria das mulheres desta década toma a culpa como algo dado, como o perigo de uma corrida de carros. Estão descobrindo que a culpa vem de fora, da mãe e da igreja. O sexo sai de dentro e é essa sua crença. Portanto, a culpa deve ser controlada, dominada e utilizada para aumentar a excitação.

Quais foram os sentimentos proibidos que fomos assumindo enquanto crescíamos?

E estas novas fantasias, as emoções que geralmente ditam o curso das histórias são a ira, o desejo de controle e a descarga sexual mais plena.

Admitir a ira é algo novo para a mulher. Nos anos sessenta, as mulheres decentes não expressavam a ira.

Alojavam-na no interior e a dirigiam contra si mesmas.

Na realidade, continua sendo difícil que uma mulher expresse raiva, principalmente porque não o fizemos em nossa primeira fundamental relação, em oposição a mãe.

Porém, ao menos a mulher de hoje sabe que tem direito a ira, e a fantasia é um campo de jogos seguro onde se pode mostrar ira ante todos os obstáculos que se interpõe em seu caminho, começando com a ira ante a enorme dificuldade de ser sexualmente ativa, além de todas as outras coisas que deve ser a mulher de hoje. Esta nova mulher não tem modelos, não tem anteprojetos. Tem de fazer-se a si mesma. E um dos meios de que se serve para tentar assumir novos papéis são os sonhos eróticos.

Não quero ser mal interpretada; ou melhor, não é simplesmente um livro sobre mulheres enfadadas. São testemunhos de mulheres que por fim manejam o leque completo das emoções humanas, as imagens e a linguagem sexual. A ira está inextricavelmente ligada a lascívia, tanto na realidade como na imaginação erótica. As fantasias sexuais dos homens também estão plenas de ira em conflito com o erotismo. Tomam um eixo narrativo muito distinto do das mulheres, sobretudo a causa das mais antigas experiências do homem com a mulher-mãe. Porém a ira é uma emoção humana, e, ao contrário do que a história nos disse até hoje não é exclusiva de um só sexo.

Nunca esquecerei estas mulheres por haverem me arrastado com seu entusiasmo e também me ensinado: "Toma", dizem, utilizando seu músculo erótico para seduzir ou subjugar a qualquer pessoa ou coisa que interrompa seu caminho para o orgasmo. Utilizam o conhecimento herdado por uma geração anterior de mulheres que não puderam fazê-lo, por estarem demasiado cercadas de tabus contra os quais se rebelavam. Estas mulheres olham a mãe diretamente na cara e chegam ao orgasmo.

Sempre acreditei que nossas fantasias eróticas são o verdadeiro radiograma de nossa alma sexual, e que igual aos sonhos, mudam na medida que entram em nossas vidas novas pessoas e novas situações, para serem

representadas no telão de fundo de nossa infância. Um analista recorre aos sonhos de seus pacientes como moedas de ouro. Nós deveríamos valorizar de igual modo nossos sonhos eróticos.

ATUALIZANDO CRENÇAS

É uma ironia que nós mesmas tornamos possível que a sociedade nos fizesse acreditar sermos as belas adormecidas que só poderiam ser despertadas pelo beijo de um homem. É este um conto de fadas com o qual nós fomos criadas, um mito com o qual mitigar o terrível medo que nos dava não estar dormindo, mas sim, totalmente despertas, quentes, sedentas de sexo, com apetites tão insaciáveis que poderíamos sacudir o sistema econômico, a ética protestante, a fibra social, para ter finalmente os homens exaustos, acabados, totalmente sobre nosso poder.

E assim, as mulheres foram divididas em virgens e putas. Os homens podem imaginar mulheres sexualmente vorazes (é sua fantasia favorita), porém quando o sonho se torna realidade - como acontece nos anos setenta - e tem diante de si esta mulher com os braços abertos, surgem seus piores temores. Poderá satisfazê-la ou terminará sendo tão pequeno e indefeso como o foi uma vez em oposição a seu primeiro grande amor, sua mãe, "a nodriza gigante"?

As mulheres viveram esta divisão "menina boa" e "menina má" até que das forças econômicas dos anos sessenta, nasceram o movimento feminino e a revolução sexual.

Tão imediatos foram estes dois movimentos sociais que pareceu que a mulher havia estado séculos esperando para levantar vôo, confinada, frustrada, com todas as suas enormes energias apenas controladas. Num breve tempo entre os anos setenta e os primeiros oitenta muitas mulheres pareciam desfrutar do sexo e do trabalho.

Agora, vemos desvaídas fotografias de nós mesmas bailando no cenário Hair, marchando em linhas de seis "pelo amor" ou "contra a guerra", com os peitos altos e desafiantes, e nos reunimos frente a nossas imagens de nossos vinte anos. Algumas de nós nos orgulhamos, quando nossos filhos perguntam: "essa era tua mamãe?". ?? REVER Orgulhamos (sonrojamos)

Porque negamos esses anos considerando-os como uma aberração, uma prolongada festa selvagem onde bebíamos demais, ou seguramente não teríamos ficado tanto tempo nem havíamos feito o que fizemos? "Veja, mamãe -dizem nossas ações: o álcool, as drogas, me obrigaram a fazê-lo. Porém, todavia, sou uma boa menina".

Assim é, que nos convertemos em nossos próprios pais. Não aos pais a quem amávamos, mas sim naquela parte de nossos pais que odiávamos: negativa, culpada e assexuada.

E assim as mulheres levam mais a sério seu trabalho, ser mãe está outra vez is que fenômenos simultâneos.

A sociedade se adaptou mais facilmente a entrada da mulher no mundo do trabalho que na aceitação da sua própria sexualidade. Ao que apenas se menciona, é certo que A IGUALDADE ECONÔMICA É MENOS AMEAÇADORA PARA O SISTEMA QUE A IGUALDADE SEXUAL.

Não podemos deixar de lado o tema da recompensa, o aplauso, a aceitação: o perseverar para atingir o êxito econômico não faz de uma mulher uma "menina má". Nossa almidonada ?) coluna vertebral puritana, que não pode aceitar a humanidade da sexualidade, aplaude firmemente o trabalho, inclusive o trabalho da mulher no que uma vez se chamou "mundo masculino". Porém, ao contrário disto, trabalhar por sua própria sexualidade, uma vez terminada a festa, faz com que uma mulher seja, se não "má", defasada (uma hippie atrasada, um objeto de ressentimento e inveja para outras mulheres).

As revoluções, por natureza, perdem terreno quando se desvanece o impulso inicial. Isto é certo especialmente em uma luta pela igualdade sexual da mulher, que nos dá medo. O cuidado dos filhos e as pressões econômicas são velhos dados para as mulheres trabalhadoras e as donas de casa. Só existe outra coisa que existe tanto tempo e energia e que nunca foi aceita: o sexo. Talvez seja porque o dia não tenha muitas horas. Manter-se economicamente requer muita energia. E o mesmo se deve dizer do contínuo esforço para conservar uma sexualidade conquistada tardiamente. E nos trinta anos, nos vinte e até na adolescência, é uma idade tardia. Se algo deve ser abandonado, há de ser a liberdade sexual, com a qual nos temos sentido cómodas (ou haveríamos de usar os contraceptivos que fizeram possível nossa revolução).

QUAL É NOSSO LUGAR?

Quero reafirmar que, para que se mantenha o sistema patriarcal, é necessário o apoio dos dois sexos. Os anos setenta dedicaram-se a rever, só porque “um certo número de mulheres se uniram” pedindo em voz alta uma mudança. Porém esta aliança não durou. Perdemos grande parte do potencial que poderíamos ter tido como unidade. As feministas iradas, que poucas simpatias despertaram nos homens ou entre as mulheres que amavam os homens, bateram de cara ante a revolução sexual. E ambos os lados alienaram a mulher tradicional que já estava enquadrada dentro da estrutura familiar, e cujos valores, necessidades e sua própria existência inclusive, eram ignorados.

Nossas lutas são muito recentes para que queiramos abandonar o mito da supremacia masculina. (Como posso explicar o que me custou abandonar minha própria necessidade de querer que o homem cuide de mim, apesar de ser uma mulher perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma e cuidar também de um homem?). Em contraste com estas abrumadoras predições, nasce uma nova geração cujas fantasias são mais livres. Entre seus ídolos estão as exibicionistas atrizes e cantoras da televisão. Aí está Madonna, com a mão no meio das pernas, conclamando suas irmãs: masturbem-se. Madonna não é uma fantasia masturbatória masculina, é um símbolo-modelo sexual para outras mulheres.

Muito menos é simplesmente uma fantasia lesbiana (que é também), senão que encarna a mulher trabalhadora sexual, e creio que também pode se incluir aí a mãe. Posso imaginar a Madonna com um filho em seus braços e sem tirar a mão do meio das pernas.

Dado que os homens sonham com Madonna quando se masturbam, como não seria uma fantasia em que a dominam, subjugam, jogam-na ao chão para demonstrar-lhe “o que é um homem de verdade”. Não, é mulher demais para a maioria dos homens. Até dez anos atrás quando se publicou *Men in Love* (Homens enamorados), meu livro sobre fantasias sexuais masculinas, uma das fantasias favoritas a que aparecia era a de uma mulher se masturbando para chegar ao orgasmo. Eram aqueles homens que cresceram nos anos cinquenta e sessenta, homens que desejavam -ao menos na segurança da fantasia - mulheres menos tímidas sexualmente que Doris Day. Então era ridículo pensar numa mulher que tivesse uma secreta vida sexual própria. Uma mulher com quem se pudesse compartilhar a responsabilidade do sexo. Para os homens era excitante porque ia totalmente contra a realidade.

Hoje, muitos jovens me dizem que a nova mulher dá medo, é muito exigente, quer tudo e consegue tudo. O pobre rapaz é um homem intimidado; não quer nem por um momento minimizar seu terror ancestral pelo apetite sexual desatado da mulher. Sua raiz mais profunda jaz na sua infância dominada pela lembrança de seu pai e do pai de seu pai, uma época em que a mulher tinha todo o poder do mundo sobre sua vida que ele nunca esquecerá. O irônico é que o homem sente a necessidade de “mantermo-nos em nosso lugar”, porque creio mais em nós e em nosso poder.

Se tiver que determinar em que momentos foram cortados a corrente sexual, não seria o terrível aparecimento da aids. Esta sinistra epidemia se converteu no mais triste bode expiatório da intolerância e a regressão sexual que já estava vigente. Ainda que desde cedo a aids acelerou o falecimento da sadia curiosidade sexual, foi a cobiça dos anos oitenta que deu o golpe de misericórdia.

O sexo é a antítese da cobiça material... . A cobiça é, por definição, um apetite insaciável que requer alimento constante. Mesmo que tenha mais do que necessita, mais do que possa consumir em toda uma vida, o ambicioso não pode relaxar em sua férrea determinação de possuir mais e mais. A rigidez, esse olho vigilante sempre ansioso, é a sequela da cobiça, o inimigo do sexo que pede abertura, calma, rendição. Para que comece o jogo do acasalamento, o animal deve abandonar, ao menos momentaneamente, a busca de alimentos para captar o odor erótico. Em poucas palavras, em um mundo materialmente ambicioso, não há tempo para o sexo.

Quando negamos nossas fantasias, já não temos acesso a esse maravilhoso mundo interior que é a essência de nossa singular sexualidade. Esse mundo constitui, naturalmente, o objetivo dos que odeiam o sexo, que não se deterão ante nada, citando versos e escrituras para localizar a área sensível em cada um de nós. Tenham cuidado com eles, amigas, porque são hábeis vendendo culpabilidade. Nossa mente pertence somente a nós mesmas. Nossas fantasias, assim como os sonhos, nascem de nossa história pessoal, dos primeiros anos de nossas vidas, assim como do que passou ontem. Se podem condenar-nos por nossas fantasias, também podem encarcerar-nos pelos atos que cometemos em sonhos.

Texto editado primeiramente em “Mulheres Avante”.

Fonte Revista de Astropsicologia - Uno Mismo - Argentina